Balanço da Actividade da CNA

Vítor Rodrigues – Direcção da CNA

Exmo. Sr. Presidente da Câmara Municipal de Vila Real,

Exmo. Sr. Vice-Presidente da CCDR Norte,

Exmas. Sras. Deputadas e Exmos. Srs. Deputados à Assembleia da República,

Estimados convidados,

Caras agricultoras e caros agricultores, produtores florestais, compartes de baldios,

Perante esta enorme massa de mulheres e homens que fazem do trabalho da terra o seu modo de vida, e que enchem este magnífico espaço do Teatro de Vila Real, podemos desde já dizer que o 10º Congresso da CNA e da Agricultura Familiar constitui uma importantíssima demonstração de força e vitalidade dos pequenos e médios agricultores, da Agricultura Familiar e do Mundo Rural.

Saudamos calorosamente todos os participantes, dirigentes, organizações filiadas, e trabalhadores, quer da CNA, quer das suas filiadas, que se empenharam em fazer deste um magnífico Congresso. Saudamos ainda todas as entidades que apoiaram a realização do nosso Congresso, agradecendo, em especial, à Câmara Municipal de Vila Real pelo acolhimento que nos prestou, assim como ao Teatro de Vila Real.

O lema do nosso 10º Congresso – Produção, Alimentação, Soberania - é uma síntese feliz dos objectivos que nos motivam há já quase 50 anos. É a afirmação dos pilares de um modelo agro-alimentar que contem em si a solução para muitos dos problemas que hoje enfrentamos na agricultura, no Mundo Rural e no País.

Problemas esses que, desde o nosso 9º Congresso, em 2022, em muitos casos, se agravaram.

Na preparação deste Congresso, reunimos com várias associações filiadas na CNA e com dezenas de dirigentes e agricultores. Em todas elas, vieram para cima da mesa as consequências das décadas de políticas agrícolas que aprofundaram um modelo assente na liberalização dos mercados, na concentração da terra, da produção e dos apoios, no crescente poder do agronegócio e da grande distribuição, e numa cada vez maior dependência dos mercados internacionais.

Vieram para cima da mesa as dificuldades de muitas explorações em face das injustiças promovidas pela Política Agrícola Comum, dos obstáculos burocráticos no acesso às ajudas da PAC, dos aumentos brutais dos preços dos factores produção, da exposição à concorrência desleal vinda do estrangeiro, do encerramento de serviços públicos fundamentais no meio rural, dos prejuízos causados por animais selvagens sem compensação aos agricultores, ou em face das alterações climáticas.

Não admira, pois, que continuem a desaparecer explorações agrícolas, que se agrave o despovoamento e envelhecimento das populações dos territórios rurais, ou que alastre o abandono e o subaproveitamento de vastas áreas, ao mesmo tempo que crescem os apetites especulativos sobre a terra, em especial, para aproveitamentos não-agrícolas, como acontece com a profusão desenfreada dos parques de painéis solares.

Como se não bastasse, aí está o agravamento da instabilidade geopolítica, com as gravosas consequências das guerras, quer no aumento acentuado dos preços dos combustíveis, fertilizantes e outros factores, quer com o agravamento de dependências externas, quer ainda com a transferência de recursos públicos colossais para os armamentos e o militarismo.

Neste contexto, impõe-se reafirmar que a CNA rejeita e condena os cortes previstos para o próximo Quadro Financeiro Plurianual, e a diluição da PAC num fundo único conjunto com a Coesão. Depois dos condicionamentos e desigualdades que a PAC impôs ao longo de décadas em prejuízo da agricultura nacional, um corte desta dimensão teria consequências demolidoras no nosso País.

Pelo contrário, o que se exige é uma PAC com orçamento próprio, mantendo os seus actuais dois pilares. O que a situação reclama é o reforço das ajudas aos pequenos e médios agricultores nacionais para que possam produzir alimentos, melhorar as suas condições de vida, cuidar da terra e do futuro.

Impõe-se reafirmar a exigência de uma política de regulação dos mercados e preços justos à produção, com combate efectivo às práticas comerciais desleais e à compra abaixo dos custos de produção. Impõe-se reafirmar a exigência de destinar as ajudas aos agricultores que efectivamente produzem e trabalham a terra, em vez de financiar cada vez mais a grande propriedade e o agronegócio aplicando a modulação e o plafonamento em todas ajudas, e limitado a concentração de fundos.

Impõe-se reforçar o pagamento redistributivo e o pagamento aos pequenos agricultores, limitar os apoios a empresas dominadas por fundos de investimento que nada têm a ver com a agricultura, o reforço dos apoios ao investimento e à instalação de novos agricultores e o fim da discriminação dos baldios, repondo a elegibilidade da totalidade das suas áreas.

Uma questão fundamental que atravessa as quase cinco décadas de história da CNA é a da defesa de rendimentos dignos para os agricultores e para a Agricultura Familiar. E o

rendimento dos agricultores é baixo. Não é aceitável que quem trabalha a terra sobreviva com tantas dificuldades.

Os preços dos factores de produção não param de subir. Em 2021, foi a pandemia. Depois, a guerra na Ucrânia. De há uns meses para cá, é a guerra no Irão. A escalada dos custos atingiu níveis incomportáveis: o gasóleo agrícola subiu mais de 50 cêntimos por litro, os fertilizantes registaram aumentos de 300%, e os pesticidas tiveram aumentos da ordem dos 200%. Tal como a CNA denunciou em 2022, parte desses aumentos continua ligado a dinâmicas especulativas.

E embora os alimentos apareçam mais caros nas prateleiras, os preços pagos aos agricultores, esses, não crescem nem de perto nem de longe ao ritmo dos custos. A injustiça na distribuição do valor ao longo da cadeia produção-consumo, o desmesurado poder da grande distribuição, e a crescente penetração do comércio internacional, resultante dos acordos comerciais que sacrificam a agricultura no altar dos interesses das grandes indústrias do centro da Europa, são outros factores de grande pressão sobre o rendimento dos agricultores.

A este propósito, é bom lembrar que a CNA foi a única Confederação que rejeitou o Acordo entre a União Europeia e o Mercosul, que mereceu inclusive uma concentração junto à Assembleia da República. Somos a única Confederação que defende a retirada da agricultura dos acordos comerciais, e que se bate pela proibição da compra de produtos abaixo dos custos de produção, ou pela existência de um programa de compras públicas de produtos agrícolas locais para escolas e cantinas.

Fomos e somos também os únicos que defendemos o Estatuto da Agricultura Familiar, mesmo perante um Governo que procura fingir que essa realidade não existe

A participação e a luta dos agricultores é um elemento de grande importância para a defesa dos nossos interesses, a começar pelo rendimento dos agricultores, que foi sempre o aspecto central das variadas iniciativas de luta promovidas pela CNA e pelas suas filiadas nos últimos anos, com destaque para a grande manifestação em Fevereiro de 2024, aqui em Vila Real, as grandes manifestações de viticultores em Peso da Régua, as deslocações à Assembleia da República, ou as mais recentes marchas de tractores em Aveiro ou no Fundão.

Sim, podemos afirmar, e só uma organização como a CNA o poderia ter feito, que preparámos este nosso 10º Congresso em luta, lado a lado com os agricultores, os compartes, os produtores florestais.

Podemos, aliás, afirmar, que foram estas iniciativas que fizeram chegar a voz dos agricultores junto do poder político, em particular, do Sr. Ministro da Agricultura, mesmo quando este nem sequer se dignava a responder aos nossos pedidos de audiência, reiterados ao longo de meses.

Só uma organização como a CNA traria para o seu Congresso a necessidade de valorizar as mulheres agricultoras, em pleno Ano Internacional da Mulher Agricultora.

Só organizações como a CNA e a BALADI, a Federação Nacional dos Baldios, poderiam, num momento em que se assinalam os 50 anos da Lei dos Baldios, reafirmar a defesa da propriedade comunitária, sublinhar o sucesso dos baldios na gestão e valorização dos territórios, e exigir o fim da sua discriminação nas políticas agrícolas europeias e nacionais. A este respeito, assinalamos essa grande realização que foi a recente 8ª Conferência dos Baldios, em Chaves.

A CNA manteve ainda uma intensa actividade institucional. A voz dos pequenos e médios agricultores fez-se e faz-se ouvir junto da Comissão da Agricultura na Assembleia da República, do Conselho Económico e Social, da Plataforma de Acompanhamento das Relações na Cadeia Agroalimentar, do Conselho Nacional do Ambiente e Desenvolvimento Sustentável, ou até da Presidência da República como aconteceu neste mês.

A CNA manteve também uma intensa actividade internacional. Daqui reafirmamos a nossa solidariedade com os camponeses de todo o mundo, com aqueles que tal como nós trabalham a terra, produzem alimentos, dão vida aos territórios e sofrem as consequências de políticas que favorecem o grande agronegócio. Integramos a Coordenadora Europeia Via Campesina, a ECVC, que daqui saudamos. Participámos em dezenas de reuniões e iniciativas internacionais, incluindo junto da ONU e da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, ou ainda junto da própria Comissão Europeia no Fórum Europeu para a Agricultura e Alimentação, em representação da ECVC.

Caras agricultoras, caros agricultores, caros convidados:

A CNA chega a este 10º Congresso com uma história de quase 50 anos da qual se pode orgulhar. Uma história de luta, de superação de grandes obstáculos e dificuldades, mas sempre lado a lado com os actores principais dessa gesta que é trabalhar a terra e pô-la a produzir ao serviço do nosso povo e da soberania do nosso País: os agricultores, os produtores florestais e os compartes dos baldios.

A CNA sairá certamente reforçada deste Congresso, e de todo o seu processo de preparação. Mas continua a haver muito caminho para andar, muito mato para desbravar, muita terra por cultivar.

No entanto, sabemos bem para onde queremos ir.

Como se afirma na Resolução que trazemos a este Congresso, produzir alimentos não é uma actividade económica qualquer. É uma função essencial à sociedade e à soberania do País. Quem produz alimentos, cuida da terra e da água, mantém populações e

actividade económica nos territórios, preserva paisagens e biodiversidade e contribui para um Mundo Rural vivo, e tem de poder viver dignamente do seu trabalho.

Precisamos de políticas que garantam rendimento e futuro a quem produz, que revitalizem o Mundo Rural e que devolvam ao País capacidade para decidir sobre a sua agricultura e a sua alimentação.

Queremos um País com mais agricultores e agricultoras, e não menos, com mais produção nacional, e com uma Agricultura Familiar mais forte.

Queremos jovens que encontrem na agricultura um projecto de vida. Queremos preços justos, rendimento digno e políticas públicas que favoreçam quem trabalha e produz. Queremos os Baldios nas mãos dos Compartes, uma floresta viva e cuidada, a terra e a água ao serviço da produção e um Mundo Rural revitalizado, com população, actividade económica e serviços públicos de proximidade.

Queremos trazer justiça à PAC, e que esta deixe de favorecer as grandes explorações e a concentração dos apoios. Queremos regular os mercados e garantir preços justos à produção, defender o acesso à terra, defender a água e as sementes, apoiar os jovens que querem ser agricultores e valorizar o papel das mulheres agricultoras. Queremos defender a floresta, os baldios e as comunidades que deles cuidam.

Lutamos por um modelo agroecológico capaz de responder às alterações climáticas, sem colocar sobre os pequenos e médios agricultores o peso de problemas que não foram eles que criaram. Lutamos pela Soberania Alimentar, enquanto direito que os povos têm de escolher como e quais os alimentos que querem produzir, respeitando os recursos naturais, assegurando níveis seguros de abastecimento de alimentos de qualidade, e garantindo a dignidade de agricultores e trabalhadores rurais

Produzir é um direito. Alimentar o povo é uma necessidade. Construir a Soberania Alimentar é uma escolha política e uma luta que temos de continuar.

Do 10.º Congresso saímos, por isso, com um compromisso renovado para os próximos anos: reforçar a organização, aumentar a mobilização, alargar a unidade e a solidariedade e intensificar a luta por uma Agricultura Familiar com futuro e por um Mundo Rural vivo.

Viva o 10º Congresso da CNA!

Viva a Agricultura Familiar!

Viva a CNA e as suas Filiadas!